

# CEDI

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Estado de S Paulo Class.: 96

Data: 23/06/84 Pg.: \_\_\_\_\_



### Gaviões inauguram a mais moderna aldeia indígena, no Pará

Os índios gaviões, da reserva Mãe Maria, no Pará, inauguram hoje a mais moderna aldeia do País. São 32 casas de alvenaria, com esgoto, água encanada e luz, que começaram a ser construídas há três anos. Foram convidadas tribos próximas, o presidente da Funai e dirigentes do Vale do Rio Doce. Haverá competição atlética e churrasco, com a animação de um conjunto de rock.

# Índios inauguram aldeia moderna

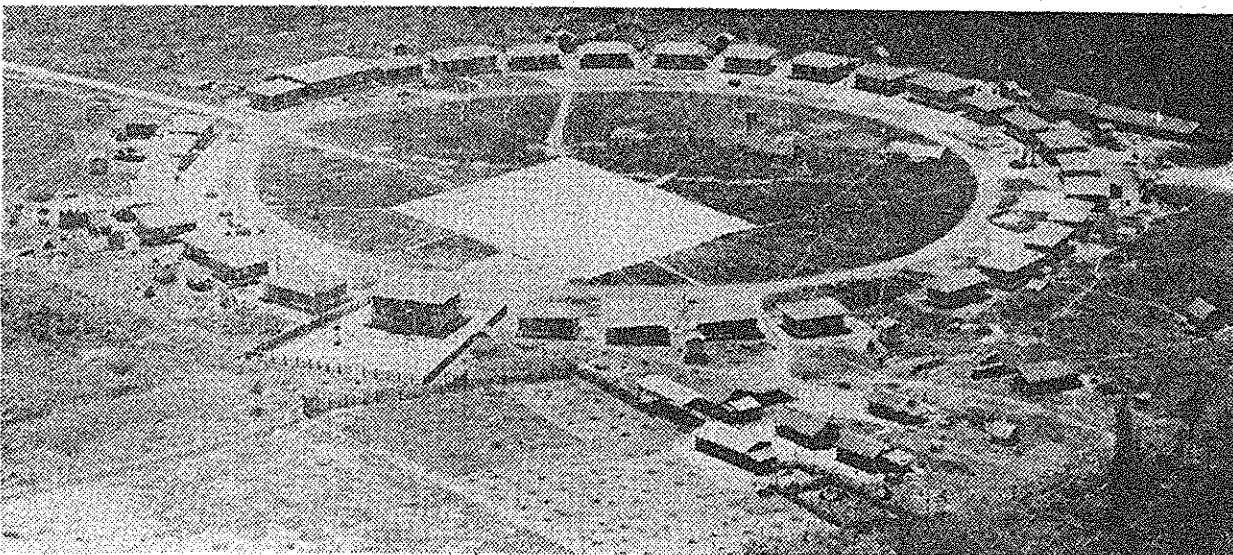
LÚCIO FLÁVIO PINTO  
Enviado especial

Hoje vai ser um dia inteiro de festas para os 183 índios da reserva Mãe Maria, no Pará: eles inaugurarão a mais moderna aldeia indígena do País, com 32 casas de alvenaria, esgoto, água encanada e luz, que começou a ser construída há três anos. A aldeia fica a 30 quilômetros de Marabá, e estão sendo esperados convidados de todas as áreas próximas, índios de algumas aldeias, o presidente da Funai e dirigentes da Companhia Vale do Rio Doce.

A programação começará com a "corrida de toras", uma competição atlética que obriga os guerreiros a se alternarem num percurso de sete quilômetros, carregando uma tora de 60 quilos na cabeça. Em seguida haverá uma partida de futebol, que os gaviões (donos de um time respeitável) pretendem ganhar, e um churrasco, sem hora para terminar: vai durar enquanto não forem consumidos os dois bois (de propriedade dos índios) abatidos ontem. No encerramento, um conjunto de rock animará uma festa dançante, esperada com certa ansiedade pelos gaviões.

Kokrenum, o cacique dos gaviões, diz que resolveu fazer a festa da inauguração para atender ao pedido da Vale do Rio Doce, que ajudou na conclusão da obra. Mas não há uma data especial: "Resolvemos fazer a inauguração no sábado porque se fosse no domingo o pessoal poderia não querer trabalhar no dia seguinte", explica ele, pedagógico.

Os índios têm motivos para voltar a praticar suas festas típicas: ontem, todos os guerreiros estavam "jogando" flechas, uma atividade lúdica própria da comunidade indígena. Durante horas eles atiram suas flechas com o objetivo aparente de testar força e perícia no arremesso das ágeis flechas através de rijos arcos. Na verdade, a competição é um pretexto para reforçar a cultura tribal. Falando na língua je, os guerreiros contam "casos", fazem revisão da vida, brincam. Nos dias anterior-



Arquivo

## A aldeia, que começou a ser construída há 3 anos, tem 32 casas de alvenaria

res, dançaram para comemorar a safra de castanha, a principal atividade econômica da tribo, que, se não foi boa, mesmo assim rendeu mais do que no ano anterior.

Desde 1976 os gaviões libertaram-se da tutela da Funai no comando de sua vida econômica: antes, era o órgão quem assumia completamente a comercialização da castanha, coletada nos 50 mil hectares da reserva (uma das maiores propriedades rurais de toda a região), vendendo-a em Belém para os exportadores. Mas nunca havia saldo, pois os índios, a cada ano, endividavam-se mais. Eles acabaram decidindo experimentar organizar a produção e fazer a venda por conta própria, com o apoio de alguns antropólogos.

Cutia, 34 anos, uma espécie de primeiro-ministro da aldeia, diz que a experiência foi bem-sucedida. É verdade que a produção de castanha diminuiu bastante, provocando prejuízos, acumulados nos últimos três anos em mais de Cr\$ 70 milhões (sem correção monetária). Mas já experientes no trato com a vida comercial da sociedade brasileira, os gaviões se

beneficiaram de dois eventos que, normalmente, só costumam trazer problemas para as comunidades indígenas.

Em 1980 os gaviões receberam Cr\$ 80 milhões de indenização para permitir que a Eletronorte desmatasse uma faixa de 19 quilômetros de extensão, por 150 metros de largura (ou 285 hectares), através da qual passou a linha de alta tensão de energia da hidrelétrica de Tucuruí. Dois anos depois, a Companhia Vale do Rio Doce teve de pagar Cr\$ 56,5 milhões de indenização para o desmatamento de uma nova faixa, ao longo de 17,5 quilômetros no interior da reserva, pela qual, a cada duas horas, passará um trem carregado de minério de ferro, oriundo da Serra dos Carajás, com destino ao litoral do Maranhão dentro de três anos.

A modernidade, assim, atravessa a reserva em dois pontos: por ali passa a energia da quarta maior hidrelétrica do mundo e será escoada a produção da maior província mineral, também do mundo. A aldeia que os gaviões vão inaugurar hoje é contemporânea desses eventos. Eles

abandonaram a antiga aldeia, que ocuparam por imposição da Funai, na beira da estrada Belém—Brasília—Marabá (a BR-222), e reconstruíram novas moradias do outro lado, mais afastada do leito da rodovia de terra batida, que agora levanta um pó vermelho que a tudo impregna.

As casas são de alvenaria, com telha de barro, azulejo, água, esgoto e luz. Seis das casas exibem imponentes antenas de televisão. Dentro delas, geladeiras, fogões modernos, ferro de engomar e outros eletrodomésticos comuns a uma casa de "homem branco". A residência do "capitão" Kokrenum chega a ser um imponente solar, de dois andares. Mas os índios não estão satisfeitos. Crua, por exemplo, motorista e operador de trator, ainda mora em sua casa de madeira.